

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

NERI BORDIN

**ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DO PÊSSEGO DE MESA NA REGIÃO DA
PRODUÇÃO DO RS.**

Camargo

2017

NERI BORDIN

**ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DO PÊSSEGO DE MESA NA REGIÃO DA
PRODUÇÃO DO RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadores:

Prof. Dr. GLAUCO SCHULTZ - UFRGS

Profa. Me. CAROLINE SOARES Da
SILVEIRA - UFRGS

Camargo

2017

NERI BORDIN

**ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DO PÊSSEGO DE MESA NA REGIÃO DA
PRODUÇÃO DO RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de ____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Glauco Schultz– Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Paulo Waquil-
UFRGS

Profa. Dra. Susana Cardoso
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que estiveram me apoiando ao longo deste curso. Todas as contribuições foram especiais para minha formação.

Em especial, agradeço a Deus, pela oportunidade de viver a cada dia e poder chegar ao fim deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de analisar a cadeia produtiva do pêssego de mesa na região do Corede Produção, localizado na região norte do Rio Grande do Sul, no qual foram observados os segmentos da cadeia produtiva do pêssego encontrados nesta região. Percebeu-se que está em expansão no setor de fruticultura, especialmente a persicultura - produção de pêssegos. Esta cultura é mais voltada para o consumo ao natural (fruta fresca). A cultura do pêssego é importante para o Rio Grande do Sul, já que o estado é o principal produtor nacional, devido ao clima favorável à produção de pêssegos. Embora nem todos os municípios do estado gaúcho produzam pêssegos em pomares comerciais, a maioria possui pomares para consumo e para a subsistência das famílias. Os maiores polos produtores de pêssego encontram-se na região de Pelotas, Porto Alegre e toda a serra gaúcha, com pouca expressão nas demais regiões a exemplo a região do Corede Produção. Na região do Corede Produção, área estudada neste trabalho, o pêssego está despertando o interesse dos proprietários rurais familiares para investimentos de plantio em pomares comerciais, como forma de dar acréscimo de renda para as propriedades rurais que investirem nesta fruta, obtendo ganhos expressivos por unidade de área e colocação de mão de obra, pela demanda de serviços braçais.

Palavras-chave: Mercado do pêssego; Corede Produção; Cadeia Produtiva.

ABSTRACT

This work was developed with the purpose of analyzing the productive chain of the peach table in the region of Corede Production, located in the northern region of Rio Grande do Sul, in which the segments of the peach production chain found in this region were observed. It has been noticed that it is expanding in the sector of fruticultura, especially the persicultura - production of peaches. This culture is more oriented to the consumption to the natural one (fresh fruit). The peach culture is important for Rio Grande do Sul, since the state is the main national producer, due to the climate favorable to the production of peaches. Although not all municipalities in the state of Rio Grande do Sul produce peaches in commercial orchards, most have orchards for consumption and for the subsistence of families. The largest peach producing poles are found in Pelotas, Porto Alegre and the whole of the Rio Grande do Sul, with little expression in other regions, such as the Corede Production region. In the region of Corede Production, an area studied in this work, the peach is arousing the interest of the familiar rural owners for investments of planting in commercial orchards, as a way to increase income for the rural properties that invest in this fruit, obtaining expressive gains per unit of area and placement of labor, by the demand of manual services.

Keywords: Peach market; Corede Production; Productive chain.

LISTA DE FIGURAS

Figura1 – Mapa do RS com a divisão dos Corede e localização do Corede Produção.....	21
Figura 2 – Mapa do Corede Produção com seus respectivos municípios.....	22
Figura 3 – Fluxograma da cadeia produtiva.....	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças de produção do período 2003 a 2010 e de 2010 a 2014	25
Quadro 2 – Quantidade de pêsego produzida e valor da produção das lavouras permanentes, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação Produtoras 2010.....	26
Quadro 3 – Evolução do cultivo de pessegueiros na região do Corede Produção de 2010 a 2017.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1.	OBJETIVOS GERAL	12
1.1.1.	Objetivos Específicos	12
1.2.	JUSTIFICATIVA	12
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1.	ASPECTOS SOBRE CADEIA PRODUTIVA	13
2.1.1.	Produção	14
2.1.2.	Industrialização	14
2.1.3.	Comercialização	15
2.1.4.	Ambiente Institucional	15
2.1.5.	Ambiente Organizacional	16
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
3.1.	TIPO DO ESTUDO	17
3.2.	POPULAÇÃO	18
3.3.	COLETA DOS DADOS	19
3.4.	ANÁLISE DOS DADOS	20
3.5.	ASPECTOS ÉTICOS	20
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
4.1.	DADOS SOBRE O MERCADO DO PÊSSEGO DE MESA	21
4.2.	ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DO PÊSSEGO DE MESA	26
5	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Até 1973 acreditava-se que o pessegueiro tinha seu centro de origem na antiga Pérsia (hoje Irã) por isso o nome científico (*Prunus pérsica L.*). Segundo descrevem Frazon e Raseira (2014, p. 19) foram encontradas inúmeras evidências apontando que a planta do pessegueiro é originária da China, pois, no ano de 1973, foi encontrado um exemplar por pesquisadores na Vila de Hemudu, na cidade de Yuyão, província de Zhejiang, localizada a leste da China, que é banhada pelo mar da China Oriental. A cidade de Yuyão fica às margens do rio Yuyão River. O caroço de pêssego (endoderma) teve origem na China, que se estimou pertencer ao período neolítico entre os anos 7000 a 6000 a.C. Entre 1981-1982 foi encontrado, na mesma região, um tronco de pessegueiro com 21 metros de altura, e a circunferência de 10 m. Diante de tais medidas, acredita-se que tenha mais de mil anos de existência

(CHEN, 1994, apud FRAZON e RASEIRA et al., 2014).

Segundo Raseira e Franzon (2014) o pêssego foi introduzido no Brasil por volta de 1532 por Alfonso de Souza, na capitania de São Vicente, atual estado de São Paulo, e teria se disseminando posteriormente para o sul do Brasil, tendo o Rio Grande do Sul como seu principal produtor de pêssegos.

Hoje o pêssego é um importante mercado em expansão no Brasil, vem crescendo de forma expressiva, tanto para consumo “in natura” como para processo de industrialização (compotas, doces, sucos e frutas desidratadas) sendo uma cultura que pode substituir cultivos já existentes com pouca rentabilidade por área, como a da soja, por exemplo, que ocupa a maioria das propriedades rurais da região. Atualmente busca-se reduzir custos e aumentar a produção para manter os preços competitivos. Analisando os mercados produtivos agrícolas para a produção de alimentos, a procura por alimentos minimamente processados ou “in natura” está causando uma onda de consumo principalmente de frutas frescas.

Nos últimos anos, percebe-se que as pessoas estão à procura de alimentos saudáveis, optando cada vez mais pelo consumo de frutas em suas dietas alimentares (MATIAS, 2014). Diante deste aspecto, a produção de pêssego tem se destacado por ser uma fruta com expressiva aceitação e comércio mundial. O pêssego é a oitava fruta mais produzida no mundo, com 21 milhões de toneladas produzidos em uma área de 1,5 milhões de hectares, e também é uma das frutas mais consumidas in natura (FAO , 2012). A China é o maior

produtor mundial. De acordo com o SEBRAE (2007) o pessegueiro é nativo da China, sul da Ásia, a árvore é decídua, de clima temperado,

Nesse contexto, percebe-se que os agricultores situados nos municípios localizados dentro dos limites do Corede Produção (Conselho Regional de Desenvolvimento) identificaram um nicho de mercado, na qual constitui-se como a produção de frutas para o consumo *in natura*, em especial o mercado do pêssego, fruta atrativa e saborosa.

A agricultura é a principal fonte de renda dos municípios que integram a região do Corede Produção. A soja é o principal produto agrícola, seguido do milho e pecuária (criação de bovinos, suínos e aves). Nesta região, a produção de pêssegos é encontrada em muitas propriedades rurais. Segundo técnicos da EMATER-RS ASCAR esta produção é destinada para a subsistência da família, não sendo contabilizada para a comercialização, embora o IBGE as considere para fins de estatísticas da produção de pêssego.

Segundo técnicos da EMATER-RS ASCAR, a exploração da persicultura na região vem se desenvolvendo nos últimos anos para fins comerciais. No ano de 2017 são explorados comercialmente 49,6 há, estimando uma produção de 839 toneladas da fruta comercializada.

Os produtores rurais dessa região identificaram o nicho de mercado que está valorando a propriedade rural. No passado, nesta região, não havia saída a não ser utilizar as plantações de monoculturas, como a produção de cereais e oleaginosas. Com o mercado acelerado para os alimentos frescos, como as frutas, há uma corrida principalmente dos agricultores familiares para entrar neste mercado e valorizar a propriedade rural com a diversificação de cultivos para a produção de frutas "*in natura*".

Segundo Cantillano (2014) o pêssego é uma fruta perecível ou viva pelo fato de promover as trocas gasosas, liberação gradual de etileno, isso explica sua rápida maturação, devendo ser transportada em câmaras frias, com temperatura entre zero a dois graus centígrados positivos. Porém, no Brasil, a logística de transporte precário acaba danificando as frutas que perdem qualidade e podem vir a estragar, gerando desperdício e aumentando os custos da fruta.

No mercado de frutas *in natura*, especificamente o pêssego de mesa, no qual se refere este trabalho, direciona-se à análise da cadeia produtiva e seu cultivo na região do Corede Produção. Este estudo apresenta subsídios para agricultores desta região, que estão em busca de um cultivo diferenciado, e não ficam atrelados apenas ao cultivo de grãos ou da pecuária que tanto limita as produções agrícolas dos municípios envolvidos.

Nesse sentido, tem-se como problema de pesquisa: Quais os segmentos da cadeia produtiva do pêssego de mesa são encontrados na região do Corede Produção? Assim, o tema de pesquisa do presente estudo constitui-se na cadeia produtiva do pêssego de mesa nos municípios da região do Corede Produção/RS.

1.1. OBJETIVOS GERAL

Analisar a cadeia produtiva do pêssego de mesa na região do Corede Produção/RS.

1.1.1. Objetivos Específicos

- a) Apresentar dados sobre o mercado do pêssego na região do Corede Produção;
- b) Identificar e descrever os segmentos da cadeia produtiva do pêssego de mesa na região do estudo;

1.2. JUSTIFICATIVA

O tema escolhido para este trabalho surgiu da necessidade de compor uma nova cultura para o sistema agrícola da região, no qual o consumo de frutas está em uma demanda ascendente para a alimentação humana, destacando-se a fruta do pessegueiro, uma importante cultura agrícola para o estado gaúcho.

Desta forma opta-se em apresentar ao agricultor uma nova atividade agrícola com uma grande aceitação no mercado, como é o caso das frutas frescas e derivados, como as frutas enlatadas. Desta forma, quebram-se os paradigmas do monocultivo praticado na região, dando ao agricultor novos horizontes econômicos e sociais, como a implantação de pomares de pessegueiros, que na região é uma cultura pouco explorada. Assim, justifica-se a presente pesquisa.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica do presente estudo está estruturada em subtópicos, buscando apresentar os aspectos sobre “Cadeia Produtiva” e trazer o conteúdo baseado nos autores de referência deste tema. Os principais elementos a serem abordados são os segmentos ou elos que compõem uma cadeia produtiva: produção agrícola, comercialização, o ambiente institucional e organizacional.

2.1. ASPECTOS SOBRE CADEIA PRODUTIVA.

Os aspectos relacionados ao desenvolvimento de uma cultura agrícola ou um produto agrícola em si demonstra por detrás do mesmo, outros produtos ou serviços que possam complementar este, através de fornecedores de produtos ou serviços, e após a produção, os consumidores. Como explica Moraes (2012) as cadeias do *agribusiness* são operações organizadas verticalmente, sofridas pelo produto durante todo seu processo. Segundo Silva (2005) de forma simples, cadeia produtiva significa conjunto de elementos que interagem em um processo produtivo para oferta de produtos ou serviços ao mercado consumidor.

A cadeia produtiva consiste na soma das operações de produção e distribuição de insumos para a agricultura, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir delas (MORAES, 2012. p. 81 *apud*. BATALHA, 1997, p. 25).

Podemos complementar a definição dizendo que

As cadeias de *agribusiness* são operações organizadas de forma vertical e percorrida pelo produto desde sua produção, elaboração industrial e distribuição, podendo ser coordenadas via mercado, ou por meio da intervenção de agentes diversos ao longo da cadeia, que contribuem ou interferem de alguma maneira no produto final. Essa coordenação pode ter maior importância naquelas cadeias expostas à competição internacional e, especialmente, às crescentes pressões dos clientes, que são os alvos finais das cadeias e a quem estas devem adaptar-se (MORAES, 2012. P. 82 *apud*. ZYLBERSTAJN; NEVES, 2000).

Neste caminho, segundo Moraes (2012, p. 81) o produto sofre diversas interferências no seu processo, como atuação de organizações de órgãos públicos, mercados, órgãos financiadores e de tecnologia. Todas essas interferências sofridas pela cadeia produtiva têm

uma estabilidade para que não haja uma excessiva lucratividade em alguns elos da cadeia, mantendo um equilíbrio.

Para Moraes (2012, p.82) a cadeia produtiva está organizada de forma vertical, desta forma o produto percorre toda a cadeia produtiva, da produção, transformação ao consumo final. Neste processo pode sofrer a supressão dos mercados ou de agentes públicos. Para Ferreira (2009) uma empresa que a jusante produz matérias primas para a montante, esse ciclo permanece até o final da cadeia produtiva.

O conceito de cadeia de produção tem origem na escola francesa de economia industrial, e engloba operações produtivas sucessivas e dissociáveis entre si que estabelecem um fluxo de troca entre fornecedores e clientes. De forma genérica, uma cadeia pode ser caracterizada por três macros segmentos: comercialização, industrialização e produção de matérias primas. (FERREIRA, 2009. *apud* BATALHA, 1995)

Desta forma cada elo da cadeia tem seu produtor e seu consumidor, de certa forma o produto de um ator e a matéria prima para a produção de produtos de outro ator e assim sucessivamente. Para Ferreira (2009, *apud* BATALHA, 1995) uma cadeia de produção agroindustrial pode ser vista como um sistema aberto onde as empresas estão em constante interação com o seu ambiente, daí a importância da análise da ação estratégica.

2.1.1. Produção

É todo o manuseio de matérias primas em um conjunto de trabalhos para se chegar a uma produção, neste caso, a produção da fruta. Durante seu ciclo são aplicados matérias primas, serviços e trabalhos e, ao final, se tem a colheita e seu resultado, ou seja, a produção. Neste trabalho, interessa-nos compreender que é desta forma que se estabelece a produção da fruta pêssego.

Moraes (2013, p.15) afirma que produção é todo o resultado da transformação de matérias primas oriundas de outras empresas para a obtenção de um único produto elaborado e que será utilizado por um determinado consumidor no próximo elo da cadeia produtiva.

2.1.2. Industrialização

Neste elo da cadeia produtiva são encontrados os atores responsáveis pela transformação das matérias primas produzidas na agricultura. A transformação ocorre dentro de uma planta produtiva concentrada, na qual há o recebimento da matéria prima da

agricultura, sofrendo as modificações do produto natural, alterando seu estado físico. Este processo é realizado para dar uma maior vida útil ao produto acabado.

Segundo Silva (2005) a agroindústria (industrialização de produtos agrícolas) pode se dividir em 3 seções: pré-beneficiamento, beneficiamento e transformação; a) pré-beneficiamento: são plantas destinadas a limpeza, secagem e armazenagem de grãos. b) beneficiamento: são plantas que se destinam a padronizar selecionar e embalar os produtos. c) transformação: são plantas que realizam a transformação da matéria prima em produto elaborado. Moraes (2013, p.15) ainda ressalta que a industrialização é constituída de empresas que utilizam as matérias primas transformando em produtos acabados prontos para o consumidor final.

2.1.3. Comercialização

Neste elo da cadeia produtiva são encontrados os atacadistas e os varejistas, responsáveis pelo viés comercial dos produtos para o consumidor final através de canais longos ou curtos. É a logística dos produtos, o transporte de um ponto para outro para que este seja comercializado. Neste processo, envolvem-se transportadores e prestadores de serviços. Neste segmento, podem ser citados também os centros de distribuição, onde toda a produção hortifruti produzida ao redor de um centro de distribuição é concentrada para depois realocá-las em outras regiões mais distantes, como por exemplo as CEASAS.

Segundo Moraes (2013, p.15) a comercialização é representada pelas empresas que mantêm o contato com os clientes finais, e são representadas por atacadistas e varejistas, fazendo a transação da mercadoria final direto ao consumidor final.

2.1.4. Ambiente Institucional

Para Silva (2005, p.2), o ambiente institucional é tudo o que rege e orienta a cadeia produtiva. Desde o conjunto de leis ambientais, trabalhistas tributarias e comerciais, até as normas de regulamentação dos produtos e comercialização. Ou seja, ferramentas que orientam a cadeia produtiva em todos os segmentos.

2.1.5. Ambiente Organizacional

Conforme Silva (2005, p.2), ambiente organizacional compreende as entidades que influenciam na cadeia produtiva, como agentes de fiscalização, agentes de crédito, universidades, centros de pesquisas e agências credenciadas.

Após termos definido cada elo que compõe uma Cadeia Produtiva, faz-se necessário estabelecer relação com a cadeia produtiva do pêssego de mesa da região do COREDE produção, que é o tema proposto para este trabalho. Passaremos, a seguir, aos procedimentos metodológicos adotados para desenvolver esta pesquisa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é um aspecto importante do trabalho porque ela indica o caminho, auxiliando para que a pesquisa atinja seus objetivos. Através dela, pode-se desvendar a realidade dos fatos e guiar o estudo. Por isso, a pesquisa necessita ser um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. (GIL, 2006, p. 17). Nesse sentido, ela auxilia na resolução dos problemas da pesquisa, buscando as respostas. Sob essa perspectiva serão descritos os procedimentos metodológicos que embasarão o presente estudo.

O procedimento metodológico é composto pelos seguintes subtópicos: Tipo de Estudo, na qual refere-se ao modo de investigação que se propõem utilizar neste trabalho para se chegar aos resultados; População e Amostra, na qual é um demonstrativo das circunstâncias do local investigado; Coleta dos Dados, a qual é a ferramenta utilizada para a obtenção dos dados necessários para o desenvolvimento do trabalho; Análise dos Dados, na qual constitui-se como a interpretação dos dados oriundos da pesquisa e os Aspectos Éticos, que é a forma pelo qual utiliza-se os dados para exposição dos dados de forma segura e consciente, disponibilizada pelos atores envolvidos na pesquisa.

3.1. TIPO DO ESTUDO

O presente estudo terá como pano de fundo uma pesquisa bibliográfica que consiste no estudo de determinados indivíduos, instituições, grupos ou comunidades em que a pesquisa investiga e examina o tema escolhido (LAKATOS e MARCONI, 2000, p. 92). Nesse sentido, será utilizado como fonte de dados livros e artigos encontrados na internet, sendo este o procedimento adotado para embasar teoricamente os dados coletados de fontes secundárias.

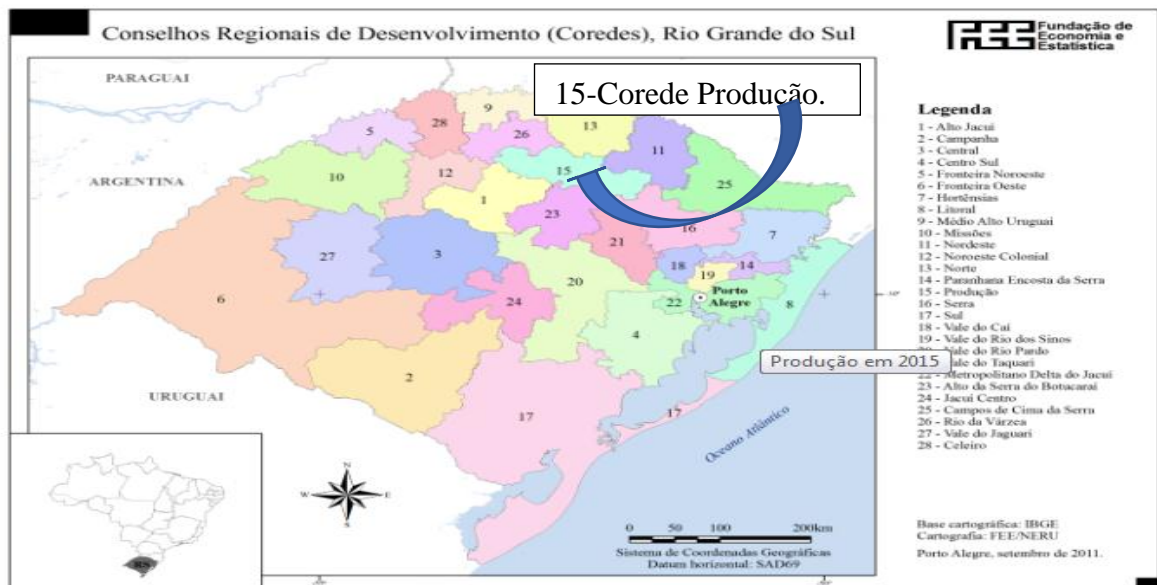
Para atingir os objetivos propostos ter-se-á uma pesquisa exploratória. Os estudos exploratórios servem para aprofundar o conhecimento sobre o tema em foco. De acordo com Lakatos e Marconi (2000, p. 87) esse tipo de estudo objetiva a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente ou modificar e clarificar conceitos.

A pesquisa exploratória também possibilita uma visão ampla e clara dos problemas enfrentados, economizando tempo e dinheiro, identificando e observando o problema e sua importância, conforme destacam Cooper e Schindler (2003, p.131).

3.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

É preciso entender que a população é um conjunto de elementos passíveis de serem mensurados com respeito às variáveis que se pretende levantar, conforme destacam Diehl e Tatim (2004, p. 64). O Corede Produção, segundo a FEE e conforme a Figura 1, localiza-se a norte do estado do RS com sede na cidade de Passo Fundo no campus da Universidade de Passo Fundo (UPF), com uma população de 362.438 habitantes e envolve uma área de 6.002,7 km².

Figura 1 - Mapa do RS com a divisão dos Corede e localização do Corede Produção



Fonte: FEE, 2017.

Segundo a FEE (2017) o Corede Produção está situado na região norte do RS. É composto por 21 municípios: Almirante Tamandaré do Sul, Camargo, Carazinho, Casca, Ciríaco, Coqueiros do Sul, Coxilha, David Canabarro, Ernestina, Gentil, Marau, Mato Castelhano, Muliterno, Nova Alvorada, Passo Fundo, Pontão, Santo Antônio da Palma, Santo Antônio do Planalto, São Domingos do Sul, Vanini, Vila Maria. A região da produção possui uma área de 6.002,7 km², com uma população total de 362.438 habitantes, conforme a Figura 2, a seguir.

Figura 2 - Mapa do Corede Produção com seus respectivos municípios



Fonte: Corede Produção, 2017.

3.3. COLETA DOS DADOS

Para a coleta de dados será utilizado pesquisa bibliográfica sobre o tema. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2008, p. 27), visa esclarecer conceitos e formulações de problemas com mais precisão acerca do produto pêsego.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (GIL, 2008, p. 27)

Segundo Gil (2008) o objetivo da pesquisa exploratória é oferecer uma aproximação dos fatos pesquisados. Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado, apresentando dificuldades de formar hipóteses precisas.

A coleta de dados dar-se-á através de pesquisa bibliográfica, e coleta de dados secundários como organizações que estejam ligadas ao setor agrícola da região do Corede Produção, como é o caso da EMATER-RS ASCAR, que está atuante em todos os municípios desta região, mantendo em seus sistemas todos os dados coletados nos escritórios municipais, a fim de quantificar toda a produção da agropecuária dos municípios.

3.4. ANÁLISE DOS DADOS

A interpretação dos dados é uma etapa que necessita de muita atenção por parte do pesquisador porque é o momento de organizar os dados coletados para serem interpretados, conforme Diehl e Tatim (2004, p. 82). Complementando, tem-se em Gil (2006, p. 153) a ideia de que a análise dos dados possibilita fornecer a resposta ao problema da pesquisa.

Essa etapa apresenta três finalidades: estabelecer uma compreensão dos dados coletados; confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas; e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte, destaca Minayo (1994, p. 69).

3.5. ASPECTOS ÉTICOS

Com relação aos aspectos éticos garante-se o sigilo da pesquisa para o entrevistado no presente trabalho. Para Silveira e Gerhard (2009 apud GOLDIM (2001) os indivíduos não serão discriminados nem na seleção e nem na exposição dos mesmos diante da publicação dos dados extraídos na entrevista). Um termo de consentimento será fornecido para o entrevistado, garantindo a legitimidade no fornecimento dos dados que contribuirão para a pesquisa.

Diante disso, aspectos éticos a não discriminação na seleção dos indivíduos nem a exposição a riscos desnecessários aos mesmos são de suma importância para o desenvolvimento do presente trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tópico sobre resultados e discussões será apresentado em dois subtópicos: o primeiro apresenta os dados de fontes secundárias sobre o mercado do pêssego de mesa na região do Corede Produção e o segundo apresenta os dados, também de fontes secundárias, sobre os segmentos que compõem a cadeia produtiva agroindustrial do pêssego de mesa, especificamente na região do estudo.

4.1. DADOS SOBRE O MERCADO DO PÊSSEGO DE MESA

Segundo a FAO (2012 *apud* Belarmino, 2014), em 2009 foram colhidas, no mundo, 20.278.439 t. de pêssego e nectarina. A China permanece como o maior produtor mundial de pêssegos e nectarinas, responsável por mais de 50% da produção mundial, com 10.170.038 t. Por sua vez, o Brasil, no ano de 2009, aparece na 6ª posição, com 216.236 t. A cultura vem se expandindo devido ao grande potencial de mercado.

Conforme Madail (2014), os dados do IBGE de 2012 mostram que o Brasil produziu, no ano de 2010, 220.739 t. e o Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional, sendo responsável por uma produção de 132.874 t. neste mesmo ano. Na região do Corede Produção, tinha-se uma área estimada com a produção de pessegueiros de 126 ha e uma produção de 1.110 toneladas.

De acordo com Fachinello et al. (2000) é tendência que os mercados mundiais exijam, além das qualidades interna e externa das frutas, o controle sobre todo o sistema de produção por meio de análise de resíduos nas frutas, avaliação do impacto ambiental dos cultivos e o conhecimento do histórico da cadeia produtiva.

O Sistema de Produção Integrada tornou-se a melhor alternativa para obter uma produção de boa qualidade. Isso porque procura equacionar os problemas, através de uma visão multidisciplinar, obtida a partir de métodos ecologicamente mais seguros, minimizando os efeitos colaterais indesejáveis do uso de agroquímicos, aumentando a proteção ao meio ambiente e estabelecendo um novo equilíbrio com o agroecossistema, sem prejudicar a saúde humana (FACHINELLO et al., 2001).

De acordo com Farias (2002), é na região Sul do Brasil que existe o programa de Produção Integrada de Frutas, no caso, o pêssego. O projeto de pesquisa de Produção Integrada de Frutas de Pêssegos (PIP) foi implantado no Rio Grande do Sul em 1999, originando pomares comerciais de pêssegos em regiões produtoras. Esse trabalho visava

comparar os sistemas de Produção Convencional e Integrado, sob os aspectos da produtividade e qualidade, procurando ampliar os conhecimentos sobre a sustentabilidade do sistema de Produção Integrada de Frutas, com ênfase nos aspectos produtivos.

Segundo Sepulcri, Trento (2010), a análise das cadeias produtivas está em debate para entender sua volatilidade comercial, identificando os circuitos de comercialização que possam transitar os produtos, vias longas, médias e curtas. Assim, “cada produto percorre um circuito específico na cadeia produtiva, conforme as suas características, os mecanismos de regulação de mercado e as especificidades dos agentes, não podendo ser generalizado”, destacam os autores.

Hoje o pêssego é um produto importante no mercado e está em expansão no Brasil, tanto para consumo “*in natura*” como para o processo de industrialização (compotas, doces, sucos e frutas desidratadas) sendo uma cultura que pode substituir cultivos já existentes com pouca rentabilidade por área como a da soja, que ocupa a maioria das propriedades do município.

Assim, justifica-se a opção por apresentar o cultivo do pêssego como uma alternativa de melhoria de renda nas pequenas propriedades rurais para comercialização nas próprias regiões de produção, pois, conforme Madail (2014)

A produção brasileira de pêssego está toda voltada para o mercado interno. No momento, há poucas perspectivas de exportação, visto que o consumo interno é baixo. No entanto poderá ser ampliado com o crescimento da produção, tanto da fruta para consumo fresca quanto da processada (MADAIL, 2014, p. 690).

Segundo dados do IBGE (apud Madail, 2014, p.689), no ano de 2003, a produção nacional de pêssego era de 220.364 ton., chegando, em 2010, a uma produção de 220.739 ton. Um incremento de 375 toneladas no período, entre 2003 a 2010, tornando-se o Rio Grande do Sul o estado que mais produz pêssego, com um montante de 132.874 toneladas da fruta registrada no ano de 2010.

No período de 2010 a 2014 a produção passou dos 220.739 ton., em 2010, para uma produção aproximada de 320.000 ton., em 2014¹, tendo um aumento na produção de mais de 99.261 ton., tudo isso em quatro anos. Um acréscimo significativo na quantidade produzida entre os anos de 2010 a 2014, conforme o Quadro 1, abaixo.

¹ Dados encontrados no site do Canal do Produtor.

Quadro 1 - Diferenças de produção do período 2003 a 2010 e no período de 2010 a 2014.

Período	Quantidade produzida em ton.	Diferença de produção em ton.
2003	220.364	--
2010	220.739	375
2014	320.000	99.261

Fonte: Raseira e Madail, 2014.

Na comparação do período de 2003 a 2010 o aumento foi de 375 ton. Percebe-se um pequeno crescimento frente ao período de 2010 a 2014, onde teve um crescimento expressivo nos polos produtores de pêsego de todo o Brasil. Esta tendência de oferta pela fruta tem sua demonstração no Quadro 1, que expressa os aumentos de produção no ano de 2010 e 2014.

Além dos números relativos ao aumento da produção em toneladas, é importante estabelecer relação de valor de produção das lavouras permanentes de pêsego. O quadro abaixo apontará tais resultados em duas grandes regiões produtoras, a sudeste e a sul .

Quadro 2 – Quantidade de pêsego produzida e valor da produção das lavouras permanentes, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação Produtoras – 2010

	Quantidade produzida (t)	Valor produção (1000) R\$
Brasil	220.739	234.265
Sudeste	59.690	96.768
Minas Gerais	20.681	38158
Espírito Santo	600	600
Rio de Janeiro	109	265
São Paulo	38.300	57746
Sul	161.049	137.497
Paraná	14.687	17.874
Santa Catarina	13.488	13.304
Rio Grande do Sul	132.874	106.319

Fonte: IBGE, 2012.

Segundo Madail e Raseira (2008) o consumo da fruta do pêsego por pessoa no Brasil chega a 213 gr. Hab./ano. Seu consumo é muito pouco expressivo comparado com outras frutas como banana (7.678 gr. Hab./ano), laranja (5.437 gr. Hab./ano) e melancia (3.368 gr. Hab./ano).

Apesar do seu baixo consumo per capita/ano, há uma demanda considerável crescente pelo pêsego. Segundo dados da EMBRAPA uva e vinho (Empresa Brasileira de

Pesquisas Agropecuária), encontrado no site Canal do Produtor, foram produzidos, no Brasil, no ano de 2014, aproximadamente 320 mil toneladas de pêssego. Sendo que em 2013 foram importadas de outros países 23 mil toneladas, e totalizando um consumo de aproximadamente 343 mil toneladas de frutas “in natura” (fruta fresca) e industrializada na forma de compotas em caldas, doces, sucos e frutas secas.

O aumento da demanda está ligado a diversos fatores, entre eles está os benefícios do pêssego para a alimentação humana, através de proteínas, vitaminas e enzimas que determinam um bom funcionamento do corpo humano. Outro fator está correlacionado à constante divulgação da fruta nas mídias e trabalhos de pesquisa, tornando-a mais popular e atrativa aos olhos do consumidor. Mas é importante considerar que o aumento da renda do consumidor em geral tem contribuído para o aumento da demanda da fruta do pessegueiro.

De acordo com o exposto por Batalha e Silva (2001), as principais expectativas do consumidor em relação aos produtos agroalimentares são: qualidade de produtos com “marcas fortes”, exigência em termos de embalagens, conveniência e praticidade, e a busca por produtos “mais frescos”.

Segundo Madail (2014) para a análise de investimento de um pomar para a base familiar, o investidor deve analisar o custo do investimento, o imóvel imobilizado pelo investimento. No ano de 2009, o custo de implantação de um ha de pessegueiros era de R\$ 3.820,86, correspondente ao investimento inicial para os dois primeiros anos.

De acordo com Madail (2014), o resultado do (payback), do Valor Presente Líquido (VPL) e da Tacha Interna de Retorno (TIR) viabiliza o investimento, já que

O pomar de pêssego tem uma vida útil... de 12 anos. O *payback*, ou seja, o tempo em que o investidor terá o retorno do investimento inicial total ocorreu aos quatro anos e três meses. O resultado do VPL foi positivo (R\$ 8.807,03), o que indica que o empreendimento foi capaz de recuperar o investimento inicial (*payback*), além de pagar a TMA sobre esses investimentos e produzir um retorno de valor positivo em reais, adicional ao investimento inicial (MADAIL, 2014, p. 696).

Observa-se que o valor dos custos de produção por ha é de R\$ 3.820,86 e o VPL no valor de R\$ 8.807,03. Conclui-se que o produtor obtém um valor líquido de R\$ 4.986,17 por há, uma rentabilidade elevada para uma cultura pouco disseminada como é a cultura do pessegueiro.

Segundo fontes do IPAM - Sistemas de Levantamentos dos Componentes Tecnológicos das Lavouras do RS (2017), em todos os municípios que integram o Corede Produção é utilizado uma área de 49,6 ha de pêssegos de mesa com uma produção de 839

toneladas, numa estimativa para 2017. Segundo dados do IBGE, em 2015, tinha-se uma estimativa de plantio de 126 ha para uma produção de 1.305 mil toneladas de pêssego de mesa.

O quadro abaixo busca ilustrar a evolução do cultivo de pessegueiros na área em estudo entre os anos de 2010 a 2017.

Quadro 3 - Evolução do cultivo de pessegueiros na região do Corede Produção, de 2010 a 2017.

Ano	Área plantada (há)	Quantidade produzida (t)
2010	126	1.110
2014	84,4	945
2017	49,9	839

Fonte: EMATER-RS ASCAR.

Observa-se uma discordância nos dados expostos pelo Quadro 3 acima, quanto a área produzida com fruta em 2010, 2014 e 2017, segundo o técnico responsável do escritório da EMATER-RS ASCAR no município de Camargo, os dados disponibilizados anteriores a 2017 levavam em consideração os pomares destinados para consumo próprio das famílias, não sendo realizada a comercialização da produção, por isso o grande número da área plantada, e em 2017 foram quantificados somente dados de pomares comerciais.

Os produtores familiares que destinam a produção para comercialização no próprio município ou arredores e para a merenda escolar através do PNAE ou do PAA (no caso do Corede Produção é destinado para o PNAE) garantindo a segurança de venda das frutas, embora que este mercado detenha uma pequena fatia de toda a produção dos agricultores da região.

Nas fontes de dados observa-se uma discordância, pois ao se tratar do IBGE, toda a produção gerada foi computada como fonte de renda para o município. Embora a maioria das propriedades tenham a produção apenas para a subsistência da família, deste modo não se encontram dados concretos para a produção comercial. Já o IPAM computa somente os pomares comerciais, por isso a enorme redução de área produzida nesta microrregião. Por outro lado, observa-se um aumento de pomares comerciais, o que de fato demonstra a importância do pêssego para o aumento da renda das propriedades rurais.

4.2. ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DO PÊSSEGO DE MESA

Para a análise da cadeia produtiva do pêssego de mesa, foram considerados os fatores de produção, o processo de industrialização, a oferta e a demanda, os consumidores e as vias de comercialização, bem como o viés econômico que pode trazer aos municípios da região da produção após sua implantação e a comercialização das frutas. Também foram considerados o ambiente institucional que rege o funcionamento da cadeia produtiva, ou seja, as leis e normas tanto formais como informais, e o ambiente organizacional, que são as instituições de apoio que tem por finalidade organizar a cadeia produtiva.

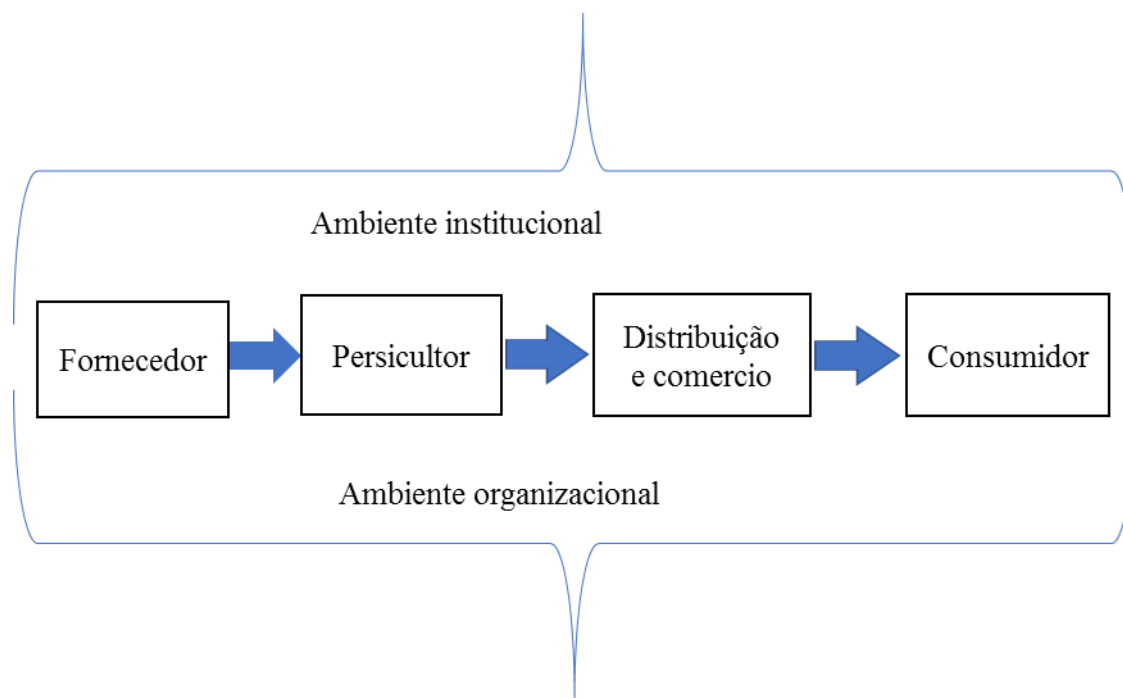
Segundo dados da EMATER/RS-ASCAR, em todo o estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2017, a cadeia produtiva do pêssego de mesa em específico, envolve 2.438 produtores, sendo utilizados 4.341,80 ha, com estimativa de produção de 72.728 toneladas.

Na região do Corede Produção a safra que está em andamento, no mês de novembro de 2017, segundo técnico da EMATER/RS-ASCAR do escritório do município de Camargo, aponta uma estimativa de produção 839 toneladas, para uma área implantada de 49,9 ha. Estes dados são referidos a áreas de pomares comerciais localizados dentro dos limites do Corede Produção.

Nesta região são envolvidos 31 produtores rurais familiares. Estes fazem em suas propriedades a diversificação de cultivos, utilizando-se da persicultura como principal fonte de renda. A média de cada produtor desta região é de 1,60 ha de área explorada com a persicultura, com produção média estimada em 16,813 kg por hectare de área cultivada.

Na região do Corede Produção, a cadeia produtiva do pêssego de mesa está relacionada aos fornecedores de insumos, produtores agrícolas familiares, atacadistas, varejistas e consumidores finais, como está disposta no fluxograma a seguir.

Figura 3: Fluxograma da Cadeia Produtiva.



Fonte: BATALHA (1997)

A cadeia produtiva do pêssego de mesa na região do Corede Produção está orientada da seguinte forma:

a) **Fornecedores:** compreendem a todos os atores envolvidos e que forneçam elementos para a constituição da produção de pêssegos. São empresas de insumos, agroquímicos, fertilizantes, máquinas e implementos, prestação de serviços e pacotes tecnológicos. Neste processo são envolvidas todas estas empresas para a produção do pêssego nos pomares dentro da propriedade agrícola;

b) **Persicultor:** entre outras palavras é a “fábrica natural” do produto pêssego, no qual constitui a parte principal da cadeia produtiva do pêssego de mesa na região. É constituída pelos proprietários agrícolas, em sua maioria agricultores familiares. O desenvolvimento da cultura do pessegueiro, nesta região, utiliza como mão de obra a força familiar. Para a o cultivo do pessegueiro é necessário pelo menos uma pessoa por há/ano, já que permanece envolvida na poda de inverno, raleio das frutas, poda de verão, pulverizações todo o ano e colheita.

c) **Distribuição e comércio:** são os agentes responsáveis pelo transporte e comercialização das mercadorias (frutas) entre o persicutor e seus mercados consumidores próximos. Segundo dados da EMATER-RS ASCAR, toda a produção é realizada no entorno dos locais produtores da fruta, utilizando-se de canais de comercialização direta para o consumidor final.

d) **Consumidores:** são os atores que fazem uso dos produtos para benefício próprio, este é o elo final da cadeia produtiva do pêsego de mesa. São os consumidores diretos que fazem a aquisição das frutas no local de produção das mesmas, direto nos pomares, ou com a apropriação de atravessadores ou atacadistas que fazem a comercialização das frutas ao consumidor final;

e) **Ambiente institucional:** são organizações públicas que interagem na cadeia criando leis de conduta que dão diretrizes para a orientação da cadeia na forma de leis trabalhistas de comercialização como é o caso da PIF (Produção Integrada De Frutas), a qual orienta o agricultor quanto ao uso consciente de agroquímicos e carências a serem respeitadas antes do consumo humano. O ambiente institucional influi também na cadeia produtiva, como é o caso do PNAE e do PAA. Essas organizações públicas agem no mercado como garantia de compra perante os agricultores, já que são programas públicos que exigem a aquisição de alimentos da agricultura familiar para serem distribuídos para a merenda escolar e para a população de baixa renda.

f) **Ambiente organizacional:** os agentes que influenciam na cadeia produtiva do pêsego de mesa na região do Corede produção é a EMATER/RS ASCAR, organizando os agricultores, os Bancos como agentes financiadores para a produção de frutas, Universidades atuantes para o desenvolvimento de conhecimentos tecnológicos melhoramento genético para que os produtores possam ter um maior rendimento em suas lavouras e agências credenciadoras que fazem a certificação dos produtos quanto a sua classificação.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que a cadeia produtiva do pêssego na região do Corede produção ainda está em desenvolvimento, pois percebe-se que na área desta região não há agroindústrias para o beneficiamento ou transformação da fruta em produção elaborada, como compotas e doces. Este trabalho de aproveitamento da fruta para consumo posterior é feito, de forma informal, nas próprias propriedades produtoras, porém em baixa escala. Pode-se afirmar que este trabalho visa mais evitar o desperdício da fruta, pelo seu tempo reduzido de conservação *in natura*, do que para angariar fundos para a subsistência da família.

Ao analisar os segmentos percebeu-se que os produtos que compõem a cadeia produtiva do pêssego são importados de outras regiões do Estado ou do Brasil, e a produção da fruta local permanece em sua maioria na região do Corede Produção, sendo que praticamente toda a produção é consumida pela demanda local e a falta sendo suprida pela produção de outras regiões produtoras do Estado.

Desta forma conclui-se que o aumento do plantio de pomares de pêssegos comerciais tem relevância pela demanda de produto consumido, já que o consumidor denota interesse no consumo da fruta devido às suas propriedades naturais e sua palatabilidade.

Outro fator importante é a diversificação de culturas nas pequenas propriedades, como alternativas sustentáveis para a permanência dos produtores no campo, a fim de garantir renda para a melhoria cada vez mais da qualidade de vida do homem do campo.

REFERÊNCIAS

BATALHA, M.O., SILVA, A.L. **Gerenciamento de Sistemas Agroindustriais: Definições e Correntes Metodológicas**. In.: BATALHA, M.O. Gestão agroindustrial. São Paulo: Atlas, 2001.

BOLDRIN, Mirtes Tatiane Neisse. **Cadeias Produtivas Agroindustriais**. EMBRAPA 2013. Disponível em: <<http://files.professora-mirtes.webnode.com/200000112-7fa50809f0/Aula%20%20-%20Cadeias%20Produtivas%20Agroindustriais.pdf>>. Acesso em: 18 de set. de 2017.

CANAL DO PRODUTOR, **Pêssego Renovado**. 01 de abril de 2014. Disponível em: <<http://www.canaldoprodutor.com.br/comunicacao/noticias/pessegos-renovados>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

CERVO Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, R. da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pámela S. **Métodos de Pesquisa Em Administração**. 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FACHINELLO, J. C.; GRUTZMACHER, A. D.; HERTER, F. G.; CANTILLANO, F.; MATTOS, M. T.; FORTES, J.F.; AFONSO, A. P.; TIBOLA, C. S. **Avaliação do Sistema de Produção Integrada De Pêssego De Conserva Na Região De Pelotas-Safra 19992000**. In: Seminário sobre produção integrada de frutas, 2, 2000, Bento Gonçalves. Anais... Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2000.

FACHINELLO, J. C.; BOTTON, M.; MARODIN, G. A. B.; COUTINHO, E. F. **Produção Integrada de Pêssegos no Rio Grande do Sul: Situação Atual e Perspectivas**. In:seminário sobre produção integrada de frutas, 3., 2001, Bento Gonçalves. Anais... Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2001. p. 42-47.

FARIAS, R. M. **Produção Convencional x Integrada em pessegueiro na Depressão Central do Rio Grande do Sul**. 2002. 100f. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) - Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FERREIRRA, Gabriela Cardozo. **Metodologia de Análise de Cadeia Produtiva Agroindustrial**. 6 dez.2009. Disponível em: <[https://pt.slideshare.net/Jabadasoja/metodologia-de-anlise-de-cadeias-agroindustriais](https://pt.slideshare.net/Jabadasoja/metodologia-de-analise-de-cadeias-agroindustriais)>. Acesso em:18 de nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 eds. São Paulo: Atlas, 2006.

HORTIBRASIL. **O Agronegócio do Pêssego**, Novidades no Mercado, Comercialização. 4 de fevereiro 2015. Disponível em: <http://www.hortibrasil.org.br/jnw/index.php?option=com_content&view=article&id=1250:o-agronegocio-do-pessego&catid=50:comercializacao&Itemid=82>. Acesso em: 06 jun. 2015

IBGE. **Município de Camargo – RS**. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=430355&search=rio-grande-do-sul%7Ccamargo%7Cinphographics:-history&lang=ES>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

IBGE. **PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL, Culturas Temporárias e Permanentes 2010**. Volume 37. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2010/PAM2010_Publicacao_comp leta.pdf>. Acesso em: 07 jun.2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados** (4ª ed.). São Paulo: Atlas, 2000.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2000.

MATIAS, R. G. P. et al. **Características físicas e químicas de pêssego em função da altura de inserção na planta**. *Comunicata Scientiae*, v. 5, n. 4, p. 435-440, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIELE, Marcelo; WAQUIL, Paulo Dabdab; SCHULTZ, Glauco. **Mercados e Comercialização de Produtos Agroindustriais**. 1º ed. Porto Alegre: UFRGS 2011

Moraes Jorge Luiz Amaral. **O papel dos Sistemas e Cadeias Agroalimentares e Agroindustriais na formação das aglomerações produtivas dos territórios rurais**. *Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat* - v. 10, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=10&ved=0ahUKEwjd1_ua3-vWAhWEgZAKHXUsCI0QFghiMAk&url=https%3A%2F%2Fseer.faccat.br%2Findex.php%2Fcoloquio%2Farticle%2Fdownload%2F10%2Fpdf_5&usg=AOvVaw24WKd-7Vd2rgyVVAetmGHO>. Acesso em: 14 de out. de 2017

RASEIRA, Maria do Carmo Bassols; PEREIRA, José Francisco Martins; Carvalho, Flavio Luis Carpena. **Pessegueiro**. 1.ed. Brasília: Embrapa, 2014.

RASEIRA, Maria do Carmo Bassols et al. **Pessegueiro**: 1.ed. Embrapa: Brasília, 2014.

ROBERTI, Diego Florian et al, **Descrição e Análise da Cadeia Produtiva da Soja do Rio Grande do Sul: Uma Proposta de Foco do Produtor Rural**. Disponível em:<

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103756/000937310.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 de jun. 2017

SATO, G. S. Produção de pêssegos de mesa e para indústria no Brasil. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.31, n. 6, p. 61-63, 2001.

SEBRAE. **Agência Sebrae de notícias RS**. Disponível em: <www.interjonarl.com.br>. Acesso em: 01 jul. 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; BUENO, André Luis Machado. **Método de pesquisa**. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

SILVA, Luís Cesar da. **Cadeias Produtiva de Produtos Agrícola**. Universidade Federal do Espírito Santo. 21/04/2005. Disponível em:<<http://www.agais.com/manuscript/ms0105.pdf>>. Acesso em:23 de out. de 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bokman, 2005.